



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 17, v. 1

jan.2022-jun.2022

p. 189-208

Somos muitas e somos diversas: visibilidade das experiências lésbicas plurais

*(We are many and we are diverse:
visibility of plural lesbian experiences)*

*(Somos muchas y somos diversas:
visibilidad de experiencias lésbicas plurales)*

Carolina Albornoz Costa¹

Camila dos Santos Gonçalves²

Vânia Fortes de Oliveira³

RESUMO: Apesar da crescente quantidade de estudos acerca do gênero e das sexualidades, ainda são menos frequentes as pesquisas que focam as vivências lésbicas. Este estudo teve como objetivo refletir sobre a pluralidade das vivências de mulheres lésbicas, buscando compreender como se constroem as lesbianidades e como se dá a interseccionalidade de opressões e a invisibilidade dessas comunidades, a partir de marcadores sociais e identitários. O método de pesquisa se baseou na netnografia, focando em conteúdos compartilhados por mulheres lésbicas sobre suas vivências na plataforma digital Instagram. Evidenciou-se que as lesbianidades não têm uma identidade única e, em intersecção com fatores como cor/raça e papéis de gênero, produzem uma multiplicidade de demandas. Assim, o protagonismo de narrativas pessoais nas mídias sociais se apresenta como potencial estratégia de visibilidade das lesbianidades, bem como de ampliação de espaços de fala na academia.

PALAVRAS-CHAVE: Interseccionalidade. Lesbianidades. Mídias sociais. Sexualidades. Visibilidade lésbica.

Abstract: Although the number of studies on gender and sexualities are crescent, studies that focus on lesbian experiences are still less frequent. This study aims to reflect about the plurality of lesbian experiences seeking to comprehend how lesbianities are constructed and how the intersectionality of oppressions - through social and identity traces - and the invisibility of this community occur. The research method was based in virtual ethnography, focusing on content shared by lesbian women about their lives and experiences on the digital platform Instagram. It was found that lesbianities are not restricted to a unified identity and, when in intersection with factors such as race and gender roles, produce a multiplicity of demands. Therefore, the protagonism of personal narratives in social media presents a potential strategy for lesbian visibility, as well as the expanding of power of speech in academic spaces.

¹ Mestranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: carolinaalbornozcosta@gmail.com

² Psicóloga. Doutorado em Psicologia Social e Institucional pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFRGS. E-mail: camila.gon.79@gmail.com

³ Mestrado em Psicologia Social e Institucional pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professora na Universidade Franciscana (Santa Maria, RS). E-mail: vfoli@hotmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 12/08/21

Aceito em 11/09/21

Keywords: Intersectionality; Lesbianities. Social media. Sexualities. Lesbian visibility.

Resumen: A pesar de la creciente cantidad de estudios acerca de género y sexualidades, aun son menores las pesquisas que enfocan las experiencias lésbicas. Este trabajo tiene el objetivo de reflexionar acerca la pluralidad de las experiencias de mujeres lésbicas buscando comprender cómo se construyen lesbianidades y como ocurre la interseccionalidad de opresiones a partir de marcadores sociales e identitarios de diferencia y la invisibilidad de esta comunidad. El método de pesquisa se basó en la etnografía virtual, enfocando en contenido compartido por mujeres lésbicas acerca de sus vivencias en la plataforma digital Instagram. Se evidencio que las lesbianidades no tienen una identidad única y que, en intersección con factores como raza y papeles de género, producen una multiplicidad de demandas. Así, el protagonismo de narrativas personales en los medios sociales presenta una potencial estrategia de visibilidad de las lesbianidades, tal como la ampliación de espacios de fala en la academia.

Palabras clave: Interseccionalidad. Lesbianidades. Medios sociales. Sexualidades. Visibilidad lésbica.

1 Introdução

As questões de gênero e de sexualidades permeiam os estudos científicos, artísticos e filosóficos há alguns séculos. São mais recentes, porém, os estudos que desviam o foco do homem como sujeito único de desejo, pensando em diferentes configurações, e, assim, deslocam o masculino de seu lugar de autoridade. (BUTLER, 2003) Para refletir sobre lesbianidades diversas, este trabalho articula os estudos de gênero como uma abordagem de análise social dos trabalhos de autoras que abordam particularidades das vivências das mulheres lésbicas⁴.

Os estudos de gênero têm origem nos movimentos feministas que buscavam problematizar a hierarquia de gênero a qual as mulheres eram/são submetidas e que era justificada e naturalizada por diferenças de ordem biológica. Essa inquietação adentra o saber acadêmico e, quando ocorre a disseminação da categoria ‘gênero’ nas ciências humanas e sociais, a partir da década de 1980, ganha força, tornando-se um importante marco na produção intelectual de diversas áreas. (MATOS, 2008)

Tais estudos configuram, ainda, uma abordagem pautada na problematização social e histórica dos papéis de gênero e ampliam qualquer análise, seja ela de cunho coletivo ou individual, para considerar o caráter constituinte que têm as significações sociais e culturais de gênero. (RAGO, 1998) Isto é, o gênero e as sexualidades são compreendidas como construções históricas que se apresentam em meio às relações sociais e que são atravessadas pela cultura e pelas estruturas vigentes. Historicamente, o lugar destinado às mulheres nessas configurações é o de objeto do desejo masculino e do cuidado com a família e a casa. (BUTLER, 2003; RICH, 1980)

⁴ Neste texto será invertida a regra gramatical que define o masculino como elemento neutro, isto é, será utilizado o feminino como referência coletiva constante ao se falar de todas as pessoas. Além disso, os termos lesbianidade e lesboafetividade serão utilizados para falar de mulheres que se relacionam com outras mulheres, de forma a lançar luz às particularidades das vivências lésbicas, ao passo que lesbofobia será utilizada para falar das violências impostas a essas mulheres. Por se tratar de um estudo que defende a visibilidade lésbica, trata-se de uma escolha de escrita e um posicionamento político da autora, a fim de valorizar e reconhecer as mulheres como pauta central.



Admitir a existência lésbica é, para Adrienne Rich (1980), um obstáculo difícil de ser atravessado mesmo para alguns feminismos, pois pressupõe a afirmação de que a heterossexualidade não tem um caráter natural, inato ou alguma outra característica que a coloque num patamar superior à lesbianidade. Trata-se de uma construção cuidadosamente administrada e mantida – uma instituição. Carvalho et al. (2014, p. 3011) alertam:

Há que se perceber a enorme violência que se constrói contra aqueles/as que ousam romper com os papéis de gênero e com a heteronormatividade e suas regras e processos de normalização, barreiras que cessam a liberdade de exprimir e viver a sexualidade não colocada como padrão.

Na luta contra essa violência, ganham força no Brasil, a partir da década de 1970, ativismos pela diversidade sexual. Ao se falar da comunidade LGBTTQIA+⁵, é importante pontuar a não existência de um grupo homogêneo, de uma só comunidade e luta. No Brasil, nas décadas de 1980 e 1990, surgem espaços próprios para as mulheres lésbicas, que buscam afirmação identitária tanto dentro dos movimentos sociais quanto fora deles. Esse processo originou os movimentos lésbicos contemporâneos, que compartilham pautas com as demais comunidades LGBTTQIA+, mas têm demandas autônomas que buscam dar voz e visibilidade às lésbicas, que por muito tempo não puderam expressar livremente suas narrativas e afetos. (ALMEIDA; HEILBORN, 2008)

Se as lésbicas são invisibilizadas por sua sexualidade, aquelas que fazem parte de outros grupos minorizados – seja por sua cor/raça, etnia, classe social, escolaridade, idade, dentre outros fatores – também são afetadas, apagadas e vulnerabilizadas por esses outros sistemas de exclusão. Sueli Carneiro (2011) é uma importante autora brasileira que há muito aponta para a necessidade de integrar marcadores de cor e raça às discussões feministas e de gênero. Ela diz:

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. (CARNEIRO, 2011)

Assim, este estudo teve como objetivo refletir sobre a pluralidade das vivências de mulheres lésbicas, buscando compreender como se dá a interseccionalidade de opressões e a invisibilidade dessas comunidades a partir de marcadores sociais e identitários. Dentro disso, questionou-se como se constroem as lesbianidades, considerando a heteronormatividade e as construções sociais relacionadas ao gênero e à sexualidade.

⁵ Sigla atual, em perene transição, que abrange as comunidades Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, *Queer*, Intersexuais, Assexuadas e outras, representadas pelo símbolo +.



2 Método

O estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa baseada na netnografia, um método derivado da etnografia, que é caracterizada pela imersão da pesquisadora no campo de forma a “tentar ver a vida a partir do ponto de vista daqueles que habitualmente povoam aquele cenário”. (HINE; PARREIRAS; LINS, 2020, p. 2) Isto é, diferente de outros métodos de pesquisa que exigem um afastamento da pesquisadora do objeto de estudo, a etnografia depende do engajamento da pesquisadora na comunidade estudada tanto na coleta dos dados quanto na interpretação dos resultados. (HINE; PARREIRAS; LINS, 2020)

É chamada de netnografia a etnografia que ocorre nos ambientes virtuais. Kozinets (2014, p. 62) a conceitua como “pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online”. Ao refletir acerca da pluralidade das vivências lésbicas e dos espaços de visibilidade a partir de mídias sociais, este estudo caracterizou o que o autor chama de pesquisa on-line em comunidades:

Esses estudos examinam algum fenômeno social geral cuja existência social vai muito além da internet e das interações online, ainda que essas interações possam desempenhar um papel importante com a afiliação ao grupo. Estudos online de comunidades tomam um determinado fenômeno social ou comunal como sua área focal de interesse e depois estendem isso, argumentando ou presumindo que, por meio do estudo da comunidade online, algo significativo pode ser aprendido sobre a comunidade ou cultura focal mais ampla. (KOZINETTS, 2014, p. 65)

Foi utilizada como local de estudo a plataforma Instagram, escolhida por ser uma rede social bastante popular no Brasil – de acordo com um levantamento realizado em julho de 2021, 110 milhões de contas no Instagram são brasileiras, o que coloca o país na terceira colocação mundial em número de usuárias da rede social. (KEMP, 2021) Inicialmente, foram realizadas buscas por meio das hashtags, marcadores utilizados pela plataforma: #lésbicas; #visibilidadelésbica; #lésbicabrasil; #lesbianidade; #orgulholésbico.

A partir do conteúdo resultante da busca, foram selecionados os perfis de nove mulheres que se autodefinem como lésbicas e que compartilham conteúdos no Instagram sobre a vivência lésbica. Os critérios de seleção incluíram: número total de publicações; número de publicações relacionadas às temáticas estudadas; número de seguidoras e engajamento nas publicações, atestados por meio das curtidas e comentários nas publicações. Não foram incluídos perfis coletivos, de organizações e/ou associações compostas por grupos de mulheres, sendo selecionados apenas perfis individuais. Tratando-se de um estudo que problematiza a intersecção



de marcadores como cor/raça e etnia nas vivências lésbicas, pontua-se que cinco participantes são negras e quatro são brancas⁶.

Todos os perfis são públicos, isto é, o conteúdo compartilhado é visível a todas, não sendo necessário ter uma conta na plataforma para acessá-lo. Em seus perfis, todas as mulheres se apresentam como criadoras de conteúdo, que, por sua vez, toma a forma de textos, imagens e/ou vídeos. De forma a proteger as informações privadas das participantes e direcionar a atenção ao conteúdo das narrativas apresentadas, foram usados codinomes para representar as interlocutoras.

Os textos que compõem a pesquisa foram publicados no Instagram entre agosto de 2020 e junho de 2021. Os perfis foram analisados nesse período e foi criado um diário de campo em que publicações, na íntegra ou em trechos, foram copiadas, o que Kozinets (2014, p. 94) chama de “coleta de dados arquivais”. O autor explica que, na netnografia, a interpretação dos dados ocorre concomitante à coleta:

Mesmo que os dados sejam de interações arquivais, durante a coleta de dados cabe ao netnógrafo se esforçar para compreender as pessoas representadas nessas interações a partir do contexto comunal e cultural online em que elas se inscrevem, em vez de coletar essas informações de um modo que destituísse o contexto e apresentasse os membros da cultura ou suas práticas de uma maneira geral, indefinida, universalizada. (KOZINETS, 2014, p. 93)

Desta forma, os dados e reflexões que surgiram ao longo da pesquisa netnográfica foram associados à bibliografia nacional e internacional sobre o tema e organizados em três eixos de discussão. No primeiro, são abordadas variadas características que surgem no processo de entendimento sobre a mulher lésbica e sobre como esse processo se dá de variadas formas para diferentes mulheres. No segundo eixo, são apresentados alguns dos fatores que interseccionam as vivências lésbicas. No terceiro e último eixo, são debatidas estratégias de resistência que utilizam as mídias sociais como ferramentas de visibilidade.

3 Construção das lesbianidades: percursos históricos e subjetivos

Seja na arte, na ciência ou no meio social, historicamente, pouco apareceu a figura da mulher lésbica. Toledo (2007), ao fazer um apanhado dessa não visibilidade, afirma que mesmo com a emergência da representação da homossexualidade, essa limitou-se à experiência dos homens gays, solidificando o seu apagamento. A categoria lesbianidade surge para destacar a existência lésbica.

⁶ Neste trabalho, a referência à raça/cor ou etnia das participantes é feita de acordo com a maneira que elas se autodeclararam em seus perfis no Instagram.



Foi no início da década de 1980 que Adrienne Rich (1980), escritora estadunidense que buscou com seu trabalho lançar visibilidade às mulheres lésbicas, apresentou o termo heterossexualidade compulsória, caracterizando a heterossexualidade como uma construção política que objetiva a submissão dos corpos femininos e a sua posse pelo homem. A autora, assim como muitas outras que se dedicam a pensar a sociedade a partir de uma ótica feminista, aponta o patriarcado como a estrutura fundamental para a compreensão das relações de poder na sociedade. O conceito de patriarcado fala da estrutura que define as relações de trabalho, a norma familiar e a posição que as mulheres ocupam na sociedade, estando ligado a todas as construções que se dão no âmbito social. Logo, compreender que o homem está no centro da sociedade possibilita compreender que resta às mulheres a função de servir às demandas destes, ocupando o papel que a elas é designado – esposa, mãe. (NAVARRO-SWAIN, 2010; RICH, 1980)

O trabalho da teórica francesa Monique Wittig (1992) tem também grande relevância nos estudos lésbicos. Wittig defende que as categorias de homem e mulher são criações para nomear uma relação de opressão. A autora diz que as mulheres são ‘heterossexualizadas’ e que isso infere em seus corpos e mentes, que são manipulados a corresponder a cada característica estabelecida. (WITTIG, 1992) Tal ideia lembra o conceito de heteronormatividade, que fala de um conjunto de expectativas e regras sociais fundamentadas na heterossexualidade. Essa norma vai para além da sexualidade em si, firmando um protocolo de comportamentos, características e condutas que deve ser, rigidamente, seguido por todas as pessoas, a fim de se enquadrarem na organização ‘natural’ da heterossexualidade. Trata-se de um dispositivo de controle que une os interesses da moral, da religião e da lei e permeia todas as esferas sociais, regulando corpos e vidas. (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2010)

Para além da heterossexualidade compulsória e da heteronormatividade, relações sexuais, afetivas e/ou maritais entre mulheres aparecem desde antigas sociedades, espalhadas por todos os continentes e culturas, não sendo obra da contemporaneidade ocidental. (FALQUET, 2012) O conceito de lesbianidade como se conhece hoje, porém, aparece recentemente e é atravessado por diferentes construções e significações que

[...] foram progressivamente instalados em diferentes sociedades. Alguns deles são amplamente partilhados para além do mundo ocidental – a crença na existência de mulheres e de homens, e em que estas mulheres e estes homens são como tal em função de um ‘sexo’ que lhes seria conferido pela Natureza. Outros são mais específicos: conferir às pessoas uma identidade sexual com base em práticas sexuais, decretar que esta identidade é estável e permanente (até mesmo inata), enfim, fazer coincidir esta ‘identidade’ com um tipo de caráter ou de personalidade. (FALQUET, 2012, p. 10-11)

Por ser atravessada por essa historicidade que não pode ser ignorada, a constituição das lesbianidades é um processo amplo e complexo que é vivenciado de formas diversas por



diferentes mulheres. (NAVARRO-SWAIN, 1999) Em seu perfil no Instagram, Adriana se apresenta como criadora de conteúdo sapatão. Em uma de suas publicações, ela compartilha uma reflexão sobre como foi o percurso até se entender lésbica:

O processo de chegar até aqui é diferente pra cada pessoa. Mas no geral, nós lésbicas, compartilhamos algumas coisas. Crescemos ouvindo frases e opiniões que entranhavam na gente. Lembro de ouvir, ainda criança, shows de lesbofobia. Acabei tendo muito medo de ser lésbica, medo de não conseguir evitar esse caminho, medo de ser e medo de não ter coragem pra ser. Até tentei. Torci pra ser 'pelo menos bi'. Na minha cabeça jovem, desconhecia as causas bissexuais e o que passavam, apenas achava que seria 'menos pior'. Isso me custou anos tentando desconstruir entendimentos sobre mim mesma, tentar apaziguar os pensamentos lesbofóbicos que botaram em mim. E eu sei que a minha história ainda é uma das mais leves. Tem muita mulher por aí que enfrenta coisas muito grandes, dentro e fora de si, pra ser quem é. (Adriana)⁷

A fala de Adriana aborda algumas das dificuldades e sentimentos que permeiam esse processo, que não é uma experiência isolada. Em diversos momentos, as usuárias compartilham no Instagram maneiras como a heteronormatividade, a invisibilidade e a lesbofobia afetaram a autocompreensão de suas sexualidades. A lesbofobia tem como características o menosprezo às lésbicas, por estas colocarem em risco a manutenção da norma heterossexual, a desumanização dessas mulheres e o sentimento de superioridade frente aquilo que é diferente. (VIÑUALES, 2002 apud ROJAS; MANSILLA, 2021) O termo é utilizado, em vez de homofobia, para abordar as violências que atingem especificamente as lésbicas. A lesbofobia toma formas tanto explicitamente violentas quanto aparentemente inofensivas, na forma de piadas e comentários, em contextos cotidianos, como relata Bia, outra criadora de conteúdo no Instagram:

Quantas lésbicas tiveram dificuldade em se aceitar enquanto lésbica por causa do peso negativo que colocaram sobre o existir lésbico? Quantas de nós já reproduzimos lesbofobia como uma forma de sermos aceitas por nossas famílias, amigos...??? Os amigos da escola que faziam piada com uma menina que 'parecia sapatona.' ou piadas com duas meninas que sempre andavam juntas. Situações assim, acabavam em frases como: 'alá as sapatonas, tenho medo até de estar no mesmo banheiro que elas.' Frases que vinham com cara de nojo e risadinhas violentas e, aí, para não nos sentirmos excluídas, complementávamos o coro lesbofóbico, quando, no fundo, tudo o que queríamos era beijar a menina que gostávamos em segredo, mas sentíamos medo e repulsa do nosso próprio desejo. (Bia)

As reflexões de Adriana e Bia trazem à tona um dos aspectos da lesbofobia quando ela, assim como outros preconceitos enraizados socialmente, acaba por ser internalizada, causando conflitos íntimos que podem durar muitos anos e impedir que as lésbicas aceitem seus sentimentos em relação a outras mulheres. A base desses conflitos se encontra no medo das

⁷ Os trechos apresentados são fiéis à grafia das publicações on-line, não havendo correção gramatical. Eventuais edições por parte da autora foram realizadas apenas de forma a encurtar determinada passagem ou proteger informações privadas, respeitando o conteúdo original do texto.



diferenças sexuais e das consequências sociais, materiais e simbólicas que podem surgir ao viverem a lesbianidade. (ROJAS; MANSILLA, 2021)

Para lidar com as diversas faces da lesbofobia, as lésbicas encontram ferramentas para legitimar sua existência e seus afetos. Autodenominar-se lésbica por si só significa subverter à norma patriarcal, rejeitando a imposição da heterossexualidade como instituição total. Tal posicionamento traz consigo tanto o peso destinado àquelas que subvertem a norma quanto novas possibilidades no que diz respeito à libertação do pensamento e do corpo do sistema heteronormativo. (RIBEIRO, 2019) O perfil de Marina a identifica como sapatão, artista e escritora; por meio dele ela compartilha escritos sobre lesboafetividade, dentre outros assuntos. Em um deles, diz:

[...] me aceitei sapatão. como se tivessem me dado um desafio. eu disse: aceito. demorei anos pra pensar sobre a proposta. não como se fosse uma opção. foi mais como quem precisa ter estratégias. criei tecnologias de sobrevivência, de abrasão, eu criei tecnologias de conversa em família. me muni, me equipei, me preparei, aceitei e vim. (Marina)

Uma das estratégias que mais se destacou na pesquisa foi o constante uso das palavras lésbica e/ou sapatão, termo ressignificado entre elas, destituído de seu caráter pejorativo para tornar-se ferramenta de afirmação identitária. Wittig (1992) atenta que a linguagem tem papel de organizadora da realidade, servindo para torná-la compreensível. Assim, quando as lésbicas se autodenominam, elas estão reivindicando o direito de se definirem em seus próprios termos.

Há um grande consenso quando se fala da inexistência de uma única identidade lésbica, pois a lesbianidade configura experiências tão diversas que não são passíveis de serem delimitadas ou definidas de maneira objetiva. Há, também, certo consenso em reconhecer que afirmar-se lésbica tem utilidade estratégica na sociedade heteronormativa em que se vive. (FALQUET, 2012; NAVARRO-SWAIN, 1999; RICH, 1980) Angela também utiliza seu perfil para criar conteúdo que visibiliza vivências lésbicas e, em um poema publicado nele, ela aborda essa estratégia:

*Eu não sou gay
Eu não sou homossexual
Eu não sou queer
Eu não sou homoafetiva
Eu sou lésbica
Eu não tenho uma companheira
Eu tenho uma namorada
Eu tenho uma esposa
Nossa relação não é impessoal
Nossa relação não é frígida
Apague e escreva de novo
Sem eufemismo
Lésbica
O medo dessa palavra não é pra ser meu
É pra ser seu. (Angela)*



As afirmações identitárias apresentadas nesta pesquisa parecem ser utilizadas como instrumentos legitimadores de vivências e desejos. Ao nomearem sua sexualidade, essas mulheres se colocam na posição de sujeito do desejo e subvertem, assim, o discurso social que as colocam na posição de objeto. O perfil de Cássia a apresenta como historiadora e artista e em uma publicação ela defende:

Eu sou lésbica porque não poderia ser nada além de lésbica. Diferente do que muitos pensam, nossa sexualidade não é um protesto ou uma forma de chocar a sociedade, punir nossas famílias ou castigar os homens. Ela é o que nós somos. E nós somos o que somos. Nossa sexualidade é o que nos é natural de sentir afeto e desejo; é nossa forma de ver e sentir o mundo. E é linda. (Cássia)

As falas de Angela e Cássia demonstram, de maneira sensível, que experiências lésbicas não se resumem à resistência contra as estruturas já mencionadas. Essas e demais narrativas apresentadas neste eixo permitem a compreensão da lesbianidade como localizada em um contexto histórico e cultural amplo. São narrativas individuais quanto à construção de suas identidades e sexualidades que encontram ressonância em mulheres de diferentes origens e realidades, mostrando que não são experiências isoladas, mas que dizem respeito a contextos legítimos que têm valor em si mesmos.

4 Interseccionalidades e diversidade das experiências lésbicas

Como dito anteriormente, há um consenso na afirmação de que não existe uma única comunidade lésbica que compartilha as mesmas vivências, dores, conquistas e até os mesmos espaços, o que fala da importância de agregar marcadores de diversidade sociais na análise e reflexão sobre essas vidas. (ALVES, ALVES, FERREIRA, 2019; SIMÕES, 2011) O que há de comum é a orientação sexual e, portanto, o lugar que as lésbicas ocupam na hierarquia heteronormativa, mas isso não resulta em experiências homogêneas, pois estas são atravessadas por outras “identificações em arranjos móveis e situacionais”. (SIMÕES, 2011, p. 170)

Pensar em interseccionalidade nos direciona a reconhecer as estruturas sociais a partir das quais ela surge e se perpetua em diferentes discriminações sofridas por grupos, indivíduos e seus corpos, bem como a forma como estas se relacionam, precarizando vidas. O termo, originalmente cunhado por Kimberlé Crenshaw e desde então utilizado por diversas autoras, busca embasar de forma teórico-metodológica a “inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2019, p. 14), demonstrando como o gênero, a raça, a classe e outros marcadores identitários se interconectam na forma de opressões. (AKOTIRENE, 2019; CRENSHAW, 2002)



Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2020) auxiliam na compreensão de que identidades individuais não são categorias fechadas ao apontarem que a interseccionalidade permite um entendimento abrangente e complexo dessas:

O vasto corpo de estudos no interior da interseccionalidade, envolvendo o tema das identidades individuais como interseccionais e performativas, mudou o significado de identidade de algo que se tem para algo que se constrói. Em vez de uma essência fixa que a pessoa carrega de uma situação para a outra, entende-se agora que as identidades individuais se aplicam diferentemente de um contexto social para outro. E esses contextos sociais são moldados pelas relações de poder interseccionais. (COLLINS; BILGE, 2020, p. 241)

Marcadores sociais e identitários se apresentam como rótulos nos corpos das pessoas e interferem diretamente na forma como elas são vistas pelo meio social. Esses marcadores, porém, não devem ser pensados isoladamente, pois não se trata de uma soma de opressões, de uma lista de características “fora da norma”. Eles existem em relação um ao outro e, assim, devem ser levados em consideração enfatizando o caráter constituinte que possuem. (SIMÕES, 2011) Sobre esses processos de subjetivação, a autora Carla Akotirene (2019, p. 28) diz:

Não existe hierarquia de opressão, já aprendemos. Identidades sobressaltam aos olhos ocidentais, mas a interseccionalidade se refere ao que faremos politicamente com a matriz de opressão responsável por produzir diferenças, depois de enxergá-las como identidades. Uma vez no fluxo das estruturas, o dinamismo identitário produz novas formas de viver, pensar e sentir, podendo ficar subsumidas a certas identidades insurgentes, ressignificadas pelas opressões.

As lésbicas negras lidam em suas vidas com a tripla opressão: o machismo, o racismo e a lesbofobia. O apagamento político desses corpos é, assim, intensificado. Tanya Saunders (2017) denuncia que, no contexto brasileiro, a lésbica negra se encontra na interseccionalidade entre raça, gênero e sexualidade, posição que a desumaniza de diversas maneiras. Bia usa seu perfil no Instagram para trazer visibilidade às lésbicas negras a partir de relatos pessoais e reflexões. Em uma publicação, ela fala:

Há um apagamento da sexualidade da mulher negra em um nível que respinga até hoje. É difícil para uma mulher negra se enxergar como uma lésbica/sapatão por não termos uma história visível, nos falta, até hoje, uma referência de amor preto, de amor preto entre mulheres, nossa referência é hetero-eurocêntrica, além disso, a mulher preta é educada para cuidar, esquecendo, muitas vezes, de olhar para si mesma como um corpo que pulsa e que sente vontades, desejos... e que essas vontades e desejos podem ser voltados exclusivamente para o corpo feminino e que seu existir vai além do cuidar do outro, aqui defino o termo maternagem. E como sempre digo, a heterossexualidade compulsória recai 4x mais para a mulher preta. (Bia)

As palavras de Bia denotam o quão profundos são, nas vivências das lésbicas negras, os efeitos conjuntos desses sistemas de opressão, os quais Audre Lorde (2019, p. 57) remete a uma “mesma raiz – a inabilidade de reconhecer o conceito de diferença como uma força humana dinâmica, que é mais enriquecedora do que ameaçadora para a definição do indivíduo quando existem objetivos em comum”.



Essa intersecção coloca as lésbicas negras em uma posição de vulnerabilidade não apenas social, mas também emocional. De que rede de afeto dispõem essas mulheres? Sandra frequentemente posta em seu perfil reflexões acerca do autocuidado e da sua vivência enquanto lésbica preta. Em uma publicação, ela fala do aspecto emocional vivenciado: “[...] *Todo esse debate, me lembrou do meu início de vida sapatão que é parecido com o de várias amigas sapatonas pretas também. Com muitas rejeições por sermos quem somos e os enfrentamentos ao racismo na hora de buscarmos afeto*”. (Sandra)

A fala de Sandra sobre o racismo sofrido nas relações afetivas e a identificação com outras lésbicas negras atenta para um ponto fundamental. Para Audre Lorde (2019, p. 62), é principalmente por meio de “vínculos de união e apoio mútuos” que as mulheres negras se retiram do local de solidão que é a elas determinado, o que, de maneira alguma, isenta as mulheres brancas dos debates raciais. Em *Irmã outsider* (LORDE, 2019), ela usa o termo que dá nome ao livro para discorrer sobre o não lugar destinado às mulheres negras e aponta a responsabilidade que têm também as mulheres brancas nesses debates:

Quando as mulheres brancas ignoram os privilégios inerentes à sua branquitude e definem mulher apenas de acordo com suas experiências, as mulheres de cor se tornam ‘outras’, *outsiders*, cujas experiência e tradição são alheias demais para serem compreendidas. (LORDE, 2019, p. 145)

De acordo com o pensamento da autora, semelhante ao discurso de outras teóricas, como Angela Davis (2017), cabe às mulheres brancas não o silêncio, pois este em nada auxilia a luta negra, mas sim a problematização do local que ocupam, devendo falar a partir deste. Na descrição de uma foto em que se lê “E a branquitude, sapatão?”, Daniela pondera:

[...] *venho uns dias pensando que o ponto de partida de nossas ações não deve ser necessariamente falar sobre o que é racismo, afinal nós não o vivemos, e sim sobre o que é viver a branquitude. neste momento, pensar o ser branca especialmente como sapatão. obviamente temos demarcada a questão do gênero e também amar mulheres que nos oprime via instituição, família ou estado, mas ainda assim ocupamos o mundo com um corpo branco.* (Daniela)

As falas que foram o foco deste estudo, e que estão aqui parcialmente expostas, evidenciam que as lésbicas negras e as brancas ocupam lugares bastante diferentes na sociedade. Elas não compartilham dos mesmos espaços, da mesma (in)visibilidade, nem das mesmas possibilidades de afeto e relações. Para Tanya Saunders (2017), as rupturas causadas pela existência das lésbicas negras põem em jogo as estruturas racistas, machistas e heteronormativas, podendo configurar “um processo central ao se pensar e lutar por liberação”. (SAUNDERS, 2017, p. 115)

Outro tema bastante recorrente nos dados coletados fala dos padrões de aparência e comportamento tradicionalmente designados às mulheres e que determinam, socialmente, o que



é feminilidade. A conformidade ou não a esses papéis de gênero define como as lésbicas serão vistas socialmente, e aquelas que transgridem e/ou rejeitam essas noções tradicionais são classificadas como masculinas (ALMEIDA; HEILBORN, 2008; TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2010) e são destituídas de seu lugar enquanto mulher. Bia fala de como vivencia essas imposições:

Alguns dizem que a minha 'falta de feminilidade' me faz ter essa masculinidade, todos insistem em atribuir ao meu corpo essa virilidade máscula, o que é irreal, esses conceitos são arcaicos e aprisionantes. Meu corpo no mundo transpassa qualquer entendimento e merece viver fora desse presídio do imaginário social, eu mereço ser livre exercendo a feminilidade à minha maneira, não a masculinidade, a masculinidade não me cabe, não me vejo nela, eu não sou ela. Eu sou feminina. Sou feminina à meu modo, não essa feminilidade a qual muitos estão habituados, mas uma feminilidade não delimitada, em que posso vestir o que eu quiser, me comportar como eu quiser, falar e andar como eu quiser e, sobretudo, amar outra mulher. (Bia)

A partir de seu discurso, Bia nos faz pensar no quão restritivas são essas categorias. Ela e muitas outras mulheres vêm reivindicando a feminilidade à sua maneira; assim como o termo sapatão, termos como 'caminhão' e 'caminhoneira' estão sendo ressignificados. A lésbica caminhão é aquela que não se encaixa no referencial social de feminilidade e cada vez mais mulheres reivindicam o termo, deliberadamente subvertendo os papéis previamente determinados a elas. Assim como Bia, Angela também se denomina caminhão e, no trecho a seguir, rejeita o lugar de comparação à figura masculina: “*Não é porque nós vamos ao barbeiro e usamos cueca que nem os homens que você se relaciona, que nós nos parecemos em alguma coisa com eles. Se você quer se relacionar com a gente, tem que ser a primeira pessoa a não nos negar a nossa mulheridade*”. (Angela)

As falas de Bia e Angela remetem ao local de não mulher que é destinado às lésbicas que se recusam a reproduzir comportamentos impostos pela norma. Aqui não cabe pensar em um conflito ou uma dicotomia entre as mulheres que aparentemente estão conformadas pelos regulamentos de gênero e aquelas que não estão. Butler (2006) cita um paradoxo ao falar que se é por meio das normas sociais que se compreende algo em um contexto específico, estar fora da norma significa, ainda assim, definir-se em relação a ela. Isto é, de diferentes maneiras e intensidades, todas são afetadas pelos papéis de gênero.

O debate acerca das diversidades que perpassam as vivências lésbicas não se esgota ao falar de cor/raça e gênero. Pautas como idade, identidade de gênero, gordofobia e capacitismo não apareceram extensivamente ao longo da pesquisa, mas devem ser integrados a outras pautas lésbicas de forma a não contribuírem ainda mais à opressão dessas mulheres. Estes trechos de publicações de Ellen e Sandra evidenciam essa necessidade:



Quase 100% das sapatonas de lá eram brancas, magras e da zona sul. Sofri múltiplas opressões naquele lugar na tentativa de me enquadrar. Esses discursos são violentos e aniquilam subjetividades. Parece que só existe um jeito certo de ser lésbica e tudo que foge disso deve ser punido. Discursos como esse destroem sapatonas por aí todos os dias e quando a gente reproduz isso, acaba contribuindo para essa destruição. (Ellen)

Não existe um jeito certo de ser lésbica! NÃO EXISTE! O que existe é um meio que tenta de todas as formas ridicularizar nossos corpos e nosso direito de simplesmente ser e existir nesse mundo. E aqui não cabe debater sobre ‘apenas um estilo diferente’ ou ‘um corte de cabelo’ o papo aqui é sobre racismo, gordofobia, machismo e tantas outras questões que continuam nadando de braçada dentro da nossa comunidade. O papo vai muito além! (Sandra)

Ao insistirem em afirmar que não há uma única maneira de existir enquanto lésbica, Ellen e Sandra pontuam o importante papel que tem a interseccionalidade de opressões na constituição subjetiva de cada mulher. Estas e as demais narrativas encontradas no processo desta pesquisa demonstram a vasta pluralidade das vivências lésbicas. Lançar o olhar às diferenças permite enxergar as lesbianidades para além de limites impostos, entendendo que se trata de experiências amplas, de vidas e identidades em movimento e em contextos igualmente dinâmicos.

5 Visibilidade das lesbianidades plúrais on-line como luta política

O fato de estarmos aqui e de eu falar essas palavras é uma tentativa de quebrar o silêncio e de atenuar algumas das diferenças entre nós, pois não são elas que nos imobilizam, mas sim o silêncio. E há muitos silêncios a serem quebrados. (Irmã outsider: ensaios e conferências, Audre Lorde)

Patrícia Lessa (2003), ao propor uma reflexão sobre o apagamento das lesbianidades na história – acadêmica, cultural e social –, pontua que “os registros da história não são, tanto, marcas do passado, quanto são discursos produzidos e produtores de verdades. E, como tal, é um dentre muitos discursos a respeito do mundo”. (LESSA, 2003, p. 1) A autora afirma que a invisibilidade não é acidental, mas sim obra da hierarquia sexuada que efetivamente silencia discursos e existências dissidentes. (LESSA, 2003) Isto é, a invisibilidade lésbica é produto da construção histórica que diminuiu e diminui as mulheres e suas vivências a objetos sexuais e reprodutivos, pautando que aquelas que não se encaixam no que é esperado pelos mecanismos institucionais devem ser apagadas, esquecidas. (CARVALHO et al., 2014)

É como estratégia de resistência ao apagamento que aparece o movimento político e social lésbico na década de 1980. Ativismos lésbicos partem do reconhecimento de demandas próprias que não estavam sendo abarcadas por outras militâncias e, de forma não homogênea, se espalham pelo mundo com variadas configurações, mas com um propósito em comum: dar voz às pautas lésbicas e renunciar o lugar de invisibilidade que lhes é imposto. (FALQUET, 2012)



Alves, Alves e Ferreira (2019, p. 104) afirmam que “a disputa de narrativas é também uma disputa pelo direito de existir”. Em uma publicação sobre visibilidade lésbica, Marina reconhece e aponta para a importância dos movimentos sociais na luta por esse direito:

A visibilidade do agora só é visível porque as que vieram antes de nós travaram lutas, porque elas continuaram, falaram, construíram, criaram, produziram, porque elas lutaram causas que pareciam perdidas. A gente chegou em algum lugar porque alguém, em algum momento, precisou ir adiante com coisas que pareciam não ir a lugar algum.
(Marina)

Além do reconhecimento que muitas delas atribuem aos movimentos sociais e políticos, notou-se que conceitos que já foram restritos aos discursos acadêmicos e militantes, como heterossexualidade compulsória, heteronormatividade, branquitude, dentre outros, vêm aparecendo nas discussões e se repetindo em diversas publicações encontradas por esta pesquisa. Essa difusão de conhecimento pode ser atribuída à chegada de novas tecnologias, por meio das quais ativismos e saberes encontram novos campos e alcançam públicos mais diversos. (ORLANDINI, 2019) As mídias sociais configuram atualmente um potente espaço de visibilidade e de luta política, permitindo que diferentes grupos e pessoas exerçam seu direito de serem vistas, ouvidas e lembradas.

Orlandini (2019) aponta que expressões e debates on-line permitem a formação ou reformulação de uma consciência coletiva: “a internet tem esse enquanto um de seus pontos positivos: a possibilidade de as mulheres compartilharem suas experiências, descontentamentos e reflexões e de formarem grupos de ideias consonantes mais facilmente” (ORLANDINI, 2019, p. 147) A autora pontua que a internet viabiliza a ampliação de discussões, permitindo maior diálogo entre ideias contrárias, que podem se alastrar para outros meios, não se restringindo ao ambiente virtual.

Ao utilizarem o Instagram para dar voz às suas vivências, as mulheres escolhidas para a pesquisa conseguem atingir muitas pessoas. Com publicações no Instagram com centenas e até milhares de curtidas e comentários, elas transformam a plataforma em uma potente ferramenta de visibilidade. Zélia, por exemplo, tem mais de 18 mil seguidoras na rede. Ao falar da ausência de representatividade no meio social, ela delinea a importância dessa visibilidade:

A representatividade em relação à mulheres lésbicas é quase inexistente, sempre somos estigmatizadas e retratadas da maneira mais sexual e heteronormativa possível, é comum que a gente reproduza inclusive comportamentos típicos da heterossexualidade em nossas relações, mas isso está totalmente ligado a essa falta de representatividade, não sabemos ao certo o que é ser lésbica, crescemos com uma única possibilidade, a heterossexualidade, e quando nos deparamos fora da curva fica difícil de imaginar como essa relação se estabelecerá. Quantas lésbicas você vê ou interage no seu cotidiano? Você consome conteúdo criado por lésbicas? (Zélia)

Cássia também pontua:



Quando não trocamos experiências, não compreendemos o quanto de estruturas opressoras existe em nossas experiências individuais e seguimos achando que o que aconteceu conosco foi acaso, coincidência ou falta de sorte; deixamos de ter uma visão mais ampla do que significa a lesbianidade e perdemos o apoio mútuo que vem com a nossa identificação nas histórias de outras lésbicas, que nos fazem entender que não estamos sozinhas e que podemos vencer as dores que temos e as violências que agem sobre nós por sermos quem somos. (Cássia)

As falas de Zélia e Cássia apontam para um aspecto que se fez presente durante todo o processo desta pesquisa: percebeu-se que narrativas individuais, ao serem compartilhadas na internet, chegam a diversas outras mulheres que se identificam com os conteúdos transmitidos. Pelo número expressivo de curtidas e comentários nas publicações, notou-se que se formam, entre elas, redes virtuais de apoio e identificação. A exemplo disso, das usuárias cujos perfis compõem a pesquisa, muitas seguem umas às outras, acompanhando os conteúdos compartilhados pelas companheiras e aparecendo nos comentários e curtidas das publicações.

O ambiente virtual promove o encontro entre mulheres de diferentes regiões geográficas e diferentes realidades, mas que compartilham algumas experiências. A visibilidade das pluralidades se torna possível a partir da aliança “entre lésbicas considerando que outros marcadores se imbricam e se fazem necessários estarem em pauta”. (ALVES; ALVES; FERREIRA, 2019, p. 104) No texto a seguir, Ellen aponta para mais de 25 mil seguidoras a importância de aliar diferentes marcadores às discussões dos movimentos de luta social:

Pessoas negras LGBTQI'S são constantemente atravessadas por múltiplas opressões de raça, gênero, classe e de corpo (como a gordofobia e o capacitismo). O racismo mata e nos adocece diariamente de diversas formas. Mas a LGBTQIFOBIA também faz o mesmo com nossas mentes e corpos, o apagamento de nossas pautas também. Assim também como a gordofobia que também tá ligada ao racismo, como diversas manas ativistas, pretas e gordas já denunciam. Pessoas negras são plurais e não existem apenas negras/negros/negrx cis-hetero-magros. Nossas vidas não são inferiores e nem as nossas pautas! Seguimos na luta. (Ellen)

Os movimentos lésbicos, assim como os movimentos feministas hegemonicamente brancos, são criticados por falharem no reconhecimento das múltiplas opressões sofridas pelas mulheres. Os movimentos sociais lésbicos têm origem e são representados, em sua maioria, por mulheres brancas, de classe média, com acesso a saberes acadêmicos e que, por vezes, não integram perspectivas raciais e de classe a suas pautas. (ALMEIDA; HEILBORN, 2008; FALQUET, 2013)

São principalmente os espaços que priorizam o protagonismo de lésbicas não brancas e trabalhadoras (LORDE, 2019) que contribuem para uma visão ampla, plural e diversificada das lesbianidades. O ambiente on-line pode permitir que as mulheres denunciem as diferentes normatizações que operam juntas na precarização de suas vidas e corpos, como é o caso da fala de Ellen apresentada anteriormente. Ao falarem de ativismos, Angela Davis (2017) e Jules



Falquet (2013) afirmam que essa compreensão é necessária no combate às opressões simultâneas e múltiplas vividas pelas mulheres.

É importante pontuar, porém, que o ambiente virtual não é totalmente democrático e de igual acesso a todas. Problematizações em relação à classe social e às vivências de mulheres pobres e periféricas pouco apareceram dentro da pesquisa realizada, o que denuncia que, mesmo com um acesso mais amplo à internet, as mídias digitais ainda configuram locais de privilégios. Hester Baer (2016) cita o relativo elitismo virtual como uma das fragilidades dos ativismos digitais feministas.

Outra crítica frequentemente direcionada a esses movimentos, de acordo com a autora, questiona se a visibilidade de experiências individuais possibilitada pela internet não caracterizaria uma redução do âmbito político ao âmbito pessoal. Ela discorda e defende que, ao “chamar atenção para a relação entre experiências pessoais e desigualdades estruturais” (BAER, 2016, p. 29, tradução nossa⁸), os feminismos digitais permitem novas formas de diálogos interseccionais, reunindo em um mesmo espaço constituições feministas diversas.

Além do vasto conteúdo compartilhado por Ellen em seu perfil do Instagram, ela também tem um canal de vídeos no YouTube. Em uma de suas postagens, ela aborda o significado que tem a visibilidade on-line para ela:

Fui adolescente numa época onde não existia YouTube ou Instagram com sapatonas falando que tava tudo bem em ser o que eu era. Sou da época do Orkut/MSN onde o máximo que dava para fazer era criar um perfil fake e viver sua vida assim por lá. (Ellen)

Na mesma publicação, ela conclui:

A Ellen Girina nunca nem imaginou que um dia falaria em público, teria canal no YouTube e seria o que eu sou hoje. Eu sou muito grata a ela por ter me levado até aqui, queria poder voltar no tempo e dar um abraço na minha versão mais nova e dizer que tudo vai ficar bem! (Ellen)

A fala de Ellen corrobora a afirmação de que as vivências lésbicas plurais compartilhadas nas mídias sociais configuram um potente instrumento na luta por visibilidade. Na internet, as mulheres lésbicas reivindicam o lugar de fala que, na maioria das vezes, não encontram em outros espaços e usam seus perfis on-line para narrar suas próprias histórias. Foi possível perceber que vínculos são formados nas trocas de experiências e que surge um senso de pertencimento e de coletividade nas mulheres com a reverberação desses relatos.

⁸ No original: “by drawing attention to the relationship of personal experiences to structural inequalities”.



6 Conclusão

Este estudo, ao refletir sobre as vivências lésbicas plurais, constatou que não há uma identidade lésbica fechada, única, mas sim experiências múltiplas de vidas que são atravessadas por diversidades sociais e identitárias. Pensar essas narrativas por meio de uma perspectiva interseccional se mostrou importante no reconhecimento dos distintos sistemas de opressão que categorizam corpos lésbicos como dissidentes.

Verificou-se também que o ponto em comum entre as lesbianidades plurais é a subversão aos regulamentos heterossexuais e heteronormativos. Por não operarem a favor desses sistemas, as lésbicas e as relações lesboafetivas são, histórica e socialmente, negadas e apagadas. Em resistência a isso, criam-se espaços de expressão das lesbianidades e de disseminação de conhecimento e narrativas pessoais que permitem a formação de identificações coletivas, fortalecendo a luta pela visibilidade de todas. Foi notado que as mídias sociais contemporâneas podem possibilitar esses espaços e que, ao reivindicarem a fala acerca de suas próprias vidas e o direito de se nomearem à sua maneira, as mulheres se sentem visíveis, ao mesmo tempo que se tornam referência de representatividade a tantas outras.

Dentre as limitações da pesquisa, destaca-se que existem muitas mulheres lésbicas fora das mídias sociais – e que, portanto, não estão produzindo conteúdo digital – e que, às vezes, sequer têm acesso à internet. Assim, existe para elas, que também devem ser ouvidas e vistas, o desafio do acesso. É necessário que as lésbicas tenham poder de fala não somente nos ambientes de militância, mas também que ele se alastre de maneira abrangente, dando possibilidades de existência àquelas que estão ainda mais à margem da sociedade. Essas mulheres precisam ter garantidos seus direitos de viver e de falar sobre suas vivências.

As reflexões apresentadas neste trabalho confirmam que não há divisão entre as dimensões pessoal e política. As configurações e normas sociais têm impacto constituinte e constante nas vidas de mulheres lésbicas, em especial às que pertencem também a outros grupos vulnerabilizados. A produção acadêmica é, também, uma ferramenta política. Se faz necessário, portanto, aliar as problematizações de gênero e sexualidades a diferentes campos de conhecimento e torná-los presentes nos espaços de produção acadêmica. Ademais, exaltar narrativas múltiplas e diversas pode possibilitar um rompimento com as instituições que aprisionam afetos e existências.

Referências

AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.



ALMEIDA, G.; HEILBORN, M. L. Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. *Revista Gênero*, Niterói, v. 9, n. 1, p. 225-249, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3joW3W4>. Acesso em: 25 nov. 2020.

ALVES, R. L. V.; ALVES, B. E. R.; FERREIRA, D. T. P. (R)Existência lésbica: entre conceitos, panoramas e percursos. *Rebeh*, Redenção, v. 2, n. 4, p. 103-107, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3eu5kbY>. Acesso em: 8 out. 2020.

BAER, H. Redoing feminism: digital activism, body politics, and neoliberalism. *Feminist Media Studies*, v. 16, n. 1, p. 17-34, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3dKZ3sd>. Acesso em: 1 jul. 2021.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Portal Geledés*, São Paulo, 6 mar. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3h4Eh8I>. Acesso em: 16 nov. 2020.

CARVALHO, I. A. F. et al. Invisibilidade lésbica e a interseccionalidade de opressões. In: REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO, 18., 2014, Recife. *Anais [...]*. Recife: UFRPE, 2014. p. 3008-3024. Disponível em: <https://bit.ly/2SwCFv6>. Acesso em: 16 nov. 2020.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2020.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://bit.ly/3A91Bda>. Acesso em: 16 nov. 2020.

DAVIS, A. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2017.

FALQUET, J. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. *Cadernos de Crítica Feminista*, Recife, v. 6, n. 5, p. 8-31, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3xYHrAL>. Acesso em: 4 nov. 2020.

FALQUET, J. *Breve resenha de algumas teorias lésbicas*. Buenos Aires: Herética, 2013.

HINE, C.; PARREIRAS, C.; LINS, B. A. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 1-42, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3qGEySz>. Acesso em: 29 jun. 2021.

KEMP, S. Digital 2021 july global statshot report. *Datareportal*, 21 jul. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3PuLGxg>. Acesso em: 17 maio 2022.

KOZINETS, R. V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014.



LESSA, P. O que a história não diz não existiu: a lesbiandade em suas interfaces com o feminismo e a história das mulheres. *Em tempo de histórias*, Brasília, DF, n. 7, p. 1-8, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/2Tw3vUJ>. Acesso em: 16 nov. 2020.

LORDE, A. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MATOS, M. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 333-357, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2TCP1Cz>. Acesso em: 28 jun. 2021.

NAVARRO-SWAIN, T. Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 12, p. 109-120, 1999. Disponível em: <https://bit.ly/3y2OckZ>. Acesso em: 25 nov. 2020.

NAVARRO-SWAIN, T. Desfazendo o “natural”: a heterossexualidade compulsória e continuum lesbiano. *Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades*, Natal, v. 4, n. 5, p. 45-55, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3qxH7q6>. Acesso em: 6 out. 2020.

ORLANDINI, M. G. Ativismo de sofá ou participação política? Os processos de politização do ativismo por hashtag. *Mediação*, Belo Horizonte, v. 22, n. 29, p. 133-152, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3yk2k9x>. Acesso em: 4 jun. 2021.

RAGO, M. Descobrir historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, p. 89-98, 1998. Disponível em: <https://bit.ly/3ApkatI>. Acesso em: 4 jun. 2021.

RIBEIRO, D. R. K. Identidade lésbica diversa e relacional: as multiplicidades das existências e as várias formas de resistir. *Rebeh*, Redenção, v. 2, n. 4, p. 121-128, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3Avw0IY>. Acesso em: 16 nov. 2020.

RICH, A. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, Chicago, v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980. Disponível em: <https://bit.ly/3y3ISOc>. Acesso em: 30 out. 2020.

ROJAS, Z. O.; MANSILLA, M. B. Lesbofobia, un análisis sobre experiencias de lesbianas artistas y activistas. *Femeris: Revista Multidisciplinar de Estudios de Género*, v. 6, n. 1, p. 82-101, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3AupHiA>. Acesso em: 23 jun. 2021.

SAUNDERS, T. L. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 7, p. 102-116, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2SLkIcl>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SIMÕES, J. Marcadores de diferença na “comunidade LGBT”: raça, gênero e sexualidade entre jovens no centro de São Paulo. In: COLLING, L. (org.). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: Edufba, 2011. p. 157-173.

TOLEDO, L. G. Considerações narrativas sobre as vivências afetivo-sexuais entre lésbicas e suas relações com os mitos e estereótipos a respeito da



lesbianidade. *In:* ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 14., 2007, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Abrapso, 2007. p. 1-12. Disponível em: <https://bit.ly/3vXEDIP>. Acesso em: 24 nov. 2020.

TOLEDO, L. G.; TEIXEIRA FILHO, F. S. Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 729-749, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/36dBC6K>. Acesso em: 23 jun. 2021.

WITTIG, M. *The straight mind: and other essays*. Boston: Beacon Press, 1992.

